

# O PAI E OS PEQUENINOS

## Anotações sobre Deus no evangelho da comunidade de Mateus

*Pedro Lima Vasconcellos  
Rafael Rodrigues da Silva\**

\* *Pedro Lima Vasconcellos* — Doutorando em Ciências da Religião, assessor do CEBI-SP, professor da PUC-SP, Instituto Teológico Pio XI e Instituto do Sagrado Coração. *Rafael Rodrigues da Silva* — Mestre em Ciências da Religião, assessor do CEBI-SP, professor da PUC-SP, Instituto Teológico Pio XI, Instituto do Sagrado Coração e ITESP.

### **Resumo:**

*Os aa. partindo da reflexão de uma das parábolas do evangelho de Mateus, buscam traçar as linhas gerais da fisionomia de Deus da teologia deste evangelho. Esta vincular-se-ia aos pequeninos, ou seja, toda sorte de excluídos da sociedade. Apresentam ainda, para confirmar a reflexão, as linhas gerais do percurso das parábolas desde Jesus de Nazaré até a comunidade de Mateus e inúmeras referências vétero-testamentárias. As linhas gerais e os temas mais significativos dos capítulos iniciais de Mateus são apresentados como inseridos nesta perspectiva de um Deus voltado para os desconsiderados e como uma leitura crítica da realidade.*

### **Chaves:**

*Mateus: teologia, Mateus: imagem de Deus, Novo Testamento: redação, Mateus: redação.*

## INTRODUÇÃO

O evangelho segundo Mateus sempre gozou de grande aceitação no interior do cristianismo. O fato de ele abrir o cânon do Novo Testamento não se deve a mera casualidade. Por isso o risco de visitar textos já tão conhecidos sempre existe. No entanto a forma de aproximação ao texto pode, e deve, variar, traduzindo as questões e preocupações que o tempo presente

levanta. A tradição latino-americana de leitura da Bíblia coloca a pobreza e a exclusão como pontos a partir dos quais vamos aos textos, na medida em que se reconhece neles referência indiscutível na vida de grande contingente de nossos povos. Este lugar nos remete constantemente a perspectivas novas ao reencontrar textos tão antigos e ao mesmo tempo vivos.

A sensibilidade em relação à realidade vivida pelos povos da América Latina se vê desafiada, quando confrontada com o evangelho segundo Mateus, por alguns detalhes significativos. Em particular um nos chama aqui a atenção: neste livro se destacam os *pequeninos*. Há sujeitos assim qualificados, e com um vocabulário diversificado: em Mt 25,40.45 aparecem os *evlaci,stoi*; em 10,42; 18,6.10.14 surgem os *mi,kroi*; em 11,25 e 21,16 (v. Sl 8,3) são os *nhpi,oi* que entram em cena.

Não cabe aqui discutir exaustivamente os significados destes termos. Pretendemos apenas fazer a pergunta sobre a relevância destes *pequeninos* na elaboração da fala sobre Deus veiculada no evangelho segundo Mateus. Partimos em nossas considerações da imagem de Deus que surge da leitura de Mt 18,12-14. Pelo estudo deste texto será possível perceber como no trabalho redacional que levou à elaboração deste evangelho está uma experiência comunitária, que finca suas raízes na memória da prática e ensinamento de Jesus de Nazaré e que, por conta das circunstâncias e desafios novos que vão surgindo, recria palavras, sentidos e práticas, num processo rico que vai, finalmente, conferir ao evangelho uma peculiaridade facilmente perceptível a uma leitura cuidadosa.

Veremos que, quando cristãos e cristãs nicaragüenses vêm cantando, e nos ensinando a cantar *Tu és o Deus dos pequenos*, apesar de toda a censura que sofriam, não estavam fazendo senão reproduzir o que era convicção e experiência da comunidade da qual brotou o evangelho segundo Mateus. Nosso trajeto será o de verificar como esta experiência tomou forma escrita na releitura de uma parábola de Jesus. Posteriormente, procuraremos perceber como todo o evangelho tem, de alguma maneira, perpassada esta imagem e certeza.

## 1. UM PASTOR E UMA OVELHA NO CAMINHO

É de todos conhecida a seguinte parábola, a que se segue imediatamente uma aplicação:

*O que vos parece? Se acontece a um homem que possui cem ovelhas que uma se extravie, não deixará ele as noventa e nove nos montes e indo busca a extraviada? E se acontece de encontrá-la, eu vos digo que se alegra por ela mais que pelas*

*noventa e nove que não se extraviaram. Assim também não é vontade de vosso Pai que está nos céus que se perca um só destes pequeninos (Mt 18,12-14).*

O texto nos remete ao mundo rural de Israel, e de uma cena aí corriqueira passa-se a uma recomendação. Possivelmente leiamos rápido o texto, de tão conhecido que é, e concluamos, ainda apressadamente, que da parábola à aplicação que dela se faz a passagem é imediata, inevitável. Mas talvez seja bom, por um momento, parar na parábola. Olhar o desespero antes e a alegria posterior que tomam conta do pastor. Entrar no mundo do campo e do pastoreio em Israel. Ouvir por um momento o balido das ovelhas e prestar atenção. Lembrar a ovelha perdida que terá levado à descoberta dos manuscritos de Qumran não será inútil. O que estarão fazendo ovelha e pastor no relato do capítulo 18 do evangelho segundo Mateus?

### 1.1. Parábolas, da vida, sobre a vida e para a vida

Um aspecto marcante da pregação de Jesus, conservado de alguma forma em todos os evangelhos, é que ele recorre às situações cotidianas da vida para falar de Deus e de seu reino. E isto não por um mero recurso didático, mas por coerência com a visão de Deus que comunicava, em suas palavras e ações<sup>1</sup>. Pão e trabalho, festa e sofrimento, criança e alegria, pobreza e doença: ao lidar com estas realidades e problematizá-las desde a prática é que Jesus vai deixando claras as opções e concepções que o norteavam. Neste sentido as parábolas têm especial relevância, como textos que tematizam a realidade crua e propõem, pela via do irônico, do inesperado e até do zombeteiro, novas posturas e mentalidades a quem as escuta e lê. O episódico, o não sistemático, o improvisado e até o sarcástico é que dão o tom. E aí o que importa não é tanto quês realidades externas à parábola esta pode sugerir, quês símbolos estariam implícitos a ela, mas como entender seu enredo, muitas vezes intrigante, sempre desafiador. Ler a parábola sem veios alegorizantes, que muitas vezes estão mais na mente de quem lê, acostumado que está a uma interpretação das parábolas segundo a qual elas seriam veículos de comunicação simples de verdades a elas transcendentess<sup>2</sup>.

Ler a parábola levando em conta a dinâmica interna de seu enredo implicará necessariamente colocá-la em diálogo com o contexto sócio-cultural que lhe deu origem. Afinal de contas, seus temas emergem daí: ovelha, vinha, filho, moeda, desemprego, samaritano... Levará a reconhecer que na maior parte dos casos o enquadramento que foi dado às parábolas pelos evangelhos se deve não ao contexto em que surgiram, mas às

1 Sobre este aspecto da pregação de Jesus veja P. L. VASCONCELLOS. "Falar de Deus: visão bíblico-catequética", Em *REVISTA DE CATEQUESE*, 71(1995), p. 5-7.

2 Com isso não se está negando que várias parábolas apareçam, já no Novo Testamento, numa perspectiva alegorizante. Mas não são todas, e em cada caso se deve traçar a história da formação e transmissão do respectivo texto. Para uma discussão sobre o gênero literário *parábola*, ver P. L. VASCONCELLOS, *Uma parábola rebelde. Textos e contextos na história da parábola dos vinhateiros*. Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1994 (dissertação de mestrado).

vicissitudes de sua transmissão e vivência no seio das comunidades. O mesmo se diga das aplicações que, vez por outra, as parábolas recebem nos evangelhos<sup>3</sup>.

Sugerimos parar na parábola, deter-se em seu enredo. O encontro com o pastor não será exatamente agradável. Afinal de contas, trata-se de uma das profissões que tem grande consenso quando classificada: impura. Jeremias fala de suspeitas que recaíam sobre os pastores: *não gozavam de boa reputação. Conforme provava a experiência, na maioria das vezes eram desonestos e gatunos; pastoreavam seus rebanhos em propriedades alheias e, o que é mais grave, extorquiam a renda dos rebanhos. Por esse motivo foi proibido comprar deles lã, leite ou cabritos*<sup>4</sup>.

Terá significado algo pronunciar uma parábola em que o sujeito é a figura abjeta do pastor? Ou se trata de mera imagem fugidia a nos remeter para a aplicação que vem de imediato? Nossa surpresa pode ser maior quando nos encontramos com a mesma parábola, agora no evangelho segundo Lucas, mas com aplicação distinta! Vejamos o quadro seguinte:

Mt 18,12-14	Lc 15,4-7
<p>O que vos parece? Se acontece a um homem que possui cem ovelhas que uma se extravie, não deixará ele as noventa e nove nos montes e indo busca a extraviada? E se acontece de encontrá-la, eu vos digo que se alegra por ela mais que pelas noventa e nove que não se extraviaram. Assim também não é vontade de vosso Pai que está nos céus que se perca um só destes pequeninos.</p>	<p>Quem de vós, se tiver cem ovelhas e perder uma, não deixa as noventa e nove no campo e vai em busca da ovelha perdida até encontrá-la? E quando a encontra, com alegria a põe nos ombros, volta para casa e chama os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: 'Alegrai-vos comigo porque encontrei a ovelha perdida'. Eu vos digo que também no céu haverá mais alegria por um pecador que se converte do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão.</p>

Fica evidente que a mesma parábola, a despeito das diferenças estilísticas de cada versão, fica orientada em direções diferentes. Em Mateus possibilitará uma conclusão a respeito da necessidade de não se deixar que qualquer pequenino se perca; já em Lucas o texto sugere uma imagem que ilustra a

3 Sobre os diversos procedimentos que fizeram a *vida* das parábolas no seio das primeiras comunidades seguidoras de Jesus, é ainda indispensável o clássico de J. JEREMIAS, *As parábolas de Jesus*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1980. (original alemão de 1947), especialmente no seu segundo capítulo.

4 J. JEREMIAS, *Jerusalém no tempo de Jesus*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1983, p. 406. Os pastores aparecem em duas das quatro listas de profissões desprezíveis mencionadas por Jeremias (p. 404). E o exercício de qualquer profissão da lista IV, na qual o pastor consta, acarreta a perda de direitos cívicos e políticos (p. 412).

opção de Jesus pelos marginalizados e pecadores (veja Lc 15,1-2). De aplicações distintas se depreende, portanto, a necessidade de entender inicialmente a parábola no seu enredo, na sua trama. E aí o encontro com o pastor suspeito e mal-cheiroso é inevitável. Esta exigência fica reforçada quando vasculhamos a literatura cristã primitiva em busca de outros testemunhos de memórias de Jesus e encontramos, no meio de um conjunto de sentenças atribuídas a ele, o evangelho de Tomé, o que se segue:

*Jesus disse: o reino é semelhante a um pastor que tem cem ovelhas. Uma delas, a maior, se desgarrou. Ele deixou as noventa e nove, e procurou-a até encontrá-la. Cansado, disse à ovelha: eu te amo mais do que às noventa e nove.* (Tomé 107)

Deixando de lado o pitoresco final, o que temos é, em grandes linhas, a mesma parábola de Jesus que lemos em Mateus e Lucas. Contudo, aqui não temos qualquer aplicação ou ensinamento que dela se depreenda. Vê-se aqui a parábola convocando a que entre em sua dinâmica, a que se leia cuidadosamente o enredo, que não se tema a conclusão diante de pergunta assim surpreendente: o que tem a ver o reino com um pastor que vai atrás de sua ovelha querida? Perguntas assim instigantes estão por trás de todas as parábolas, e podemos recuperá-las sempre que nos dispusermos a não abrir mão de sua trama, suas pitadas de humor e irreverência, suas proposições críticas e bem-humoradas de alternativas de vida, de convivência, de compreensão do mundo...<sup>5</sup>

5 Um exercício precioso neste sentido encontramos em J. D. CROSSAN. *O Jesus histórico. A vida de um camponês judeu no Mediterrâneo* Rio de Janeiro. Imago Editora, 1994, p. 313-319. Veja também P. L. VASCONCELLOS. "E lhes falava em parábolas": introdução à leitura das parábolas (*MOZAICOS DA BIBLIA*, 19(1995) 26)

6 Soa arbitrária a afirmação de Joachim Jeremias quando diz que, se é verdade que o contexto que Mateus sugere para a parábola não esclarece em nada a situação original que levou Jesus a pronunciar a parábola, não se pode duvidar que seja Lucas quem nos conservou a situação original. (*As parábolas de Jesus...*, p. 37-38).

## 1.2. Da parábola de Jesus à vida da comunidade de Mateus

É, efetivamente, inevitável o encontro com a impureza e o desprezível, com o preconceito e a aversão se se quiser compreender a parábola de Jesus. Demos algumas indicações neste sentido. No entanto, o que nos importa aqui é principalmente perceber como a parábola de Jesus foi adquirindo novas significações e relevâncias quando foi sendo transmitida, recontada, relida. Assumiu novos contornos e pertinências. Se é impossível a nós recuperar o contexto original em que ela foi pronunciada, no âmbito do ministério de Jesus de Nazaré, podemos, entretanto, ver que ela foi lida em diferentes perspectivas pelas várias comunidades. E nestas leituras influenciaram as necessidades, os problemas e as compreensões próprias de cada uma delas<sup>6</sup>. Como vimos, a comunidade de Lucas dá uma aplicação toda particular à parábola, contextualizada que está pelo cenário sugerido por Lc 15,1-2: Jesus conta a parábola diante do

resmungar dos fariseus e escribas. A partir da aplicação que a comunidade de Lucas faz no v.7 vemos que a parábola fala de alguém, um pastor, que arrisca tudo para reconquistar a ovelha desgarrada. Para a comunidade de Lucas, essa era uma imagem muito apropriada para fazer entender as opções de Deus, que acolhe a pessoa pecadora, aquela que todo mundo pretenderia marginalizar e condenar. E ao mesmo tempo não dá qualquer importância para a arrogância de quem se considera justo (este é o sentido de todo o capítulo 15 do evangelho da comunidade de Lucas).

Mas não é este o caso no evangelho da comunidade de Mateus. O contexto é completamente outro. Vai-se da apolo-gia, em Lucas, para a exortação, em Mateus. O contexto mais amplo em que nossa parábola está inserida é o conjunto de orientações para a organização da comunidade que lemos em Mt 18<sup>7</sup>.

Tudo começa com uma pergunta dos discípulos, que tantas vezes aparece no evangelho: *Quem é o maior?* A partir daí vem a fala de Jesus, que responde pela apresentação de uma criança. O reino anunciado por Jesus e pela comunidade não segue os padrões normais de autoridade, tem a criança como modelo. A criança é imagem dos pequeninos, que o texto vai citar pelo menos três vezes (v.6.10.14). É a estes pequeninos que o texto vai dar atenção. É aí que entra a parábola do pastor e da ovelha, com sua adequada aplicação! Ela tem a finalidade de alertar para o cuidado em favor dos pequeninos (v.14). A parábola vem de Jesus, sobrevive e chega à comunidade de Mateus com um desafio que lhe é todo sensível: são necessários o compromisso e a solidariedade com os pequeninos; é vontade do Pai, e há que se aprender do fétido pastor!<sup>8</sup> Talvez a mostra definitiva deste desafio esteja no texto do assim chamado *juízo final* (Mt 25,31-46): *Tudo o que vocês fizerem aos meus irmãos mais pequeninos...* (Mt 25,40). Esta parábola exemplifica sobre o que significa *fazer a vontade do meu Pai* (veja Mt 7,21-23). Em vez de ficar falando de como vai ser o fim do mundo, o texto aponta para a exigência fundamental: a atenção solidária para com famintos, sedentos, migrantes, doentes e tantos mais que estão à margem da sociedade. O importante não é ficar esperando que o mundo se acabe e que venha um rei que mais parece um juiz severo. A adesão a Jesus e o seu reconhecimento não se fazem de outra maneira a não ser pela solidariedade real com os excluídos e excluídas. Nestas pessoas o rei está escondido! Essa descoberta é preciso que seja feita no dia-a-dia, nos compromissos políticos, nos esforços por uma vida melhor.

7 Para uma breve visão de seu conteúdo e seu lugar no quadro do todo do evangelho, veja P. L. VASCONCELLOS e R. RODRIGUES DA SILVA. *Felizes os que têm fome e sede de justiça. A boa notícia segundo a comunidade de Mateus*, São Leopoldo, Centro de Estudos Bíblicos, 1999.

8 J. Jeremias faz uma observação interessante, para mostrar como os contornos da parábola em Mateus são peculiares: seu acento recai não tanto na alegria pelo encontro da ovelha extraviada, mas na urgência de impedir o extravio e de buscar a que eventualmente se tenha perdido (*As parábolas...*, p.37).

## 2. DA COMUNIDADE DOS PEQUENINOS AO DEUS DOS PEQUENINOS

Uma comunidade que tem a marca dos pequeninos e dos últimos fará de Deus uma experiência toda particular, e desenvolverá dele uma compreensão e uma linguagem em que tal vivência há de transparecer. São vários textos do evangelho que aos poucos delineiam quem são os pequeninos e como a comunidade apresenta o Pai que não quer que nenhum se perca e ao mesmo tempo exige solidariedade. Para descobrir (revelar) Deus, a comunidade de Mateus apresenta como caminho a vivência da solidariedade onde famintos, sedentos, forasteiros, nus, doentes e presos são dignificados (como podemos ler em Mt 25,31-46). Neste sentido cada vez mais a figura de Jesus e do Pai apresentada pela comunidade vai assumindo os rostos da gente sofrida e exigindo um *fazer* que supere as condições de exclusão e crie formas concretas de solidariedade.

Vamos ler outros textos da comunidade de Mateus que revelam o rosto do Deus dos pequeninos. Mas talvez valha a pena mencionar como o descuido nesta caracterização do Deus, comunicado pela comunidade de Mateus, tenha permitido que ele fosse vinculado, por exemplo, à figura despótica do dono dos talentos na parábola de Mt 25,14-30! Seria esta imagem compatível com a prática de Jesus e com a vontade do Pai que não quer que se perca nem um dos pequeninos e pequeninas? Ou teríamos que aprender do último escravo, aquele que só recebera um talento, e de sua ação algo sobre o reino?<sup>9</sup>

9 Veja a respeito L. E. VAAGE, "Jesus economista no evangelho de Mateus". Em *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*, 27 (1997) 131-132; P. L. VASCONCELLOS e R. RODRIGUES DA SILVA, *Felizes os que têm fome e sede de justiça...*, p. 32-36.

### 2.1. Os pequeninos e a sabedoria: Mt 11,25-27

*Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos.*

Do evangelho dos ditos de Jesus (Q) a comunidade de Mateus recebeu uma série de textos que mostram como a missão de Jesus é conflituosa, traz entusiasmo de um lado e rejeição de outro. Mt 11,2-19 se desenvolve a partir da pergunta de João, através de seus discípulos: *És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar um outro?* Temos então o testemunho messiânico de Jesus, a apresentação de quem é João Batista (um homem que não se veste de roupas finas, não come e nem bebe e é tido possuído por demônio) e a crítica ao Filho do Homem como comilão, beberrão e amigo de publicanos e pecadores. Jesus é rejeitado por ser amigo dos excluídos. Em contrapartida, nos v. 25-27 fica claro que a revelação se dá para aqueles a quem o Filho quiser revelar e a oração de Jesus ao Pai

vem confirmar que a revelação acontece àqueles que acolhem a sua missão e sua boa nova. Os que estão acolhendo são os pequeninos, enquanto para os sábios e entendidos tudo fica escondido. Os grandes sábios são os pequeninos, dos quais se pode dizer que *a sabedoria foi justificada pelas suas obras* (11,19). A redação do evangelho segundo Mateus conclui com os v. 28-30, onde se lê o grande convite e acolhida aos pequeninos que estão cansados, sem descanso e subjugados, ao mesmo tempo que se vê Jesus identificado com eles.

Para nosso propósito estrito, é significativo que o texto manifeste a consciência de que o Pai escondeu *estas coisas* dos sábios e as revelou aos pequeninos. Esta opção do Pai não pode passar despercebida, nem é isenta de conseqüências quando nos perguntamos pelo perfil de Deus no evangelho da comunidade de Mateus!

## 2.2. Os pequeninos, a denúncia e o louvor: Mt 21,12-17

No relato de Mt 21,12-17, Jesus realiza duas ações: numa expulsa os vendilhões do templo, vira a mesa dos cambistas e comerciantes (conforme a profecia de Zc 14,21 de que não haverá mais comerciantes dentro do templo) denunciando como transformaram a casa de oração (Is 56,7) em covil de ladrões (Jr 7,11); noutra, cura os cegos e os coxos que se aproximam dele<sup>10</sup>. Estas duas ações de Jesus provocam reações: de um lado, as criancinhas (os pequeninos) que gritam e cantam *hosana ao filho de Davi* e, de outro lado, os chefes dos sacerdotes e escribas que ficam indignados. A indignação se dá pelo fato de Jesus ter questionado o templo como um dos pontos fundamentais da economia tributária. O louvor das crianças acontece porque o projeto de Jesus consiste em resgatar o templo como lugar de refúgio dos pobres e oprimidos (veja Is 14,32). E para explicitar quem são os pequeninos a comunidade de Mateus cita o Salmo 8,3 em sua versão grega. As ações de Jesus e a reação das criancinhas têm ares de profecia. São gestos subversivos... Jesus que subverte o templo na sua economia e propõe um resgate a partir da profecia. Os pequeninos e as crianças que subvertem o templo cantando e tomando espaço num lugar que consideram de louvor e oração. O louvor dos pequeninos e das criancinhas foi preparado pelo próprio Deus, este é o louvor que o agrada!

Interessante que neste texto e outros do evangelho de Mateus os pequeninos estejam associados às criancinhas, o que tem a ver com os corpos excluídos, violentados e não considerados como pessoas pela sociedade patriarcal e escravista romana e judaica. Não é sem razão que, como já vimos, em Mt 18, diante da pergunta dos discípulos sobre quem é o maior no

10 Cabe notar como Mateus modifica sensivelmente o relato que recebeu de Marcos (11,15-19). A menção às curas e às crianças é exclusiva do texto que estamos considerando.



11 Sobre as crianças no evangelho de Mateus veja: F. R. ARCHILA. "E ao entrar na casa, viram o menino..." Uma abordagem do evangelho de Mateus a partir das crianças". Em *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*, 27 (1997) 134-148. Veja também: "Voltar a ser crianças, uma bela utopia", Em *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*, 24 (1996) 53-70.

reino, Jesus apresente uma criança como resposta e exija que não escandalize nenhum destes pequeninos que crêem<sup>11</sup>.

### 2.3. O messias pequenino e a presença salvadora de Deus — Mt 1-2

Queremos encerrar nosso percurso pelo evangelho segundo Mateus pelos textos que lhe dão início: Mt 1-2. Estes capítulos, exclusivos deste evangelho, tão densamente teológicos, são sua porta de entrada e em boa parte sua chave de interpretação. A genealogia de Jesus (1,2-17), a origem de Jesus messias (1,18-25), a visita dos magos (2,1-12) e a fuga para o Egito e volta para Nazaré (2,13-23) estão profundamente carregados pela leitura, pelo cotidiano e pela compreensão de Deus, de Jesus que a comunidade veicula.

Na genealogia, habilmente construída, a comunidade quer afirmar que Jesus surge do meio do povo e deve ser entendido à luz de toda a história contada nas Escrituras. Mas de uma história que tem uma perspectiva muito clara. Um aspecto importante nesta reconstrução das origens de Jesus é a presença de quatro mulheres marginalizadas que, de seu lugar de exclusão, lutaram e fizeram história: Tamar (v.3) que age como prostituta para engravidar do sogro e assim sair da marginalização a que estava condenada pela sociedade patriarcal (Gn 38); Raab (v.5) que de seu lugar de prostituta vem para tecer as tramas que levarão o povo à vitória, à terra tão sonhada (Js 2 e 6); Rute (v.5) que vai ultrapassar os limites previstos para a sua condição de viúva e reconstruir um futuro renovado, para ela e tantos outros e Betsabéia, aquela que tinha sido mulher de Urias (v.6) que, vítima do sistema patriarcal e monárquico, rompe o silêncio (2 Sm 11) e depois interferirá decisivamente nas tramas políticas que viriam. Enfim, são mulheres injustiçadas que vão transgredir os espaços a que estavam confinadas e por isso entrarão para a história do povo. Mulheres que antecedem e antecipam Maria. Se o messias de Deus é oriundo de tal traçado, pode-se concluir muito, tanto do perfil do seu messianismo como do Deus a quem tal messianismo se vincula<sup>12</sup>.

Quando lemos o relato da origem de Jesus não nos encontramos em ambiente muito distinto, pois Maria *foi achada grávida* e José, decidindo, por ser justo, repudiá-la, abre caminho para o cumprimento da lei de Moisés: a criança há de morrer e a mãe também (Dt 22,13-29). A intervenção do anjo do Senhor, contudo, vai fazer com que José, o filho de Davi, transgrida a Lei, assumo o filho, case-se com Maria, e assim dê um passo muito distinto daquele previsto. Só assim ele será adequadamente justo (veja Mt 5,20!), o messias há de nascer, a mulher silenciada se verá justificada e resgatada. Mas já é ou-

12 Para um estudo da trajetória destas mulheres e as consequências na compreensão do messianismo no evangelho segundo Mateus veja N. C. PEREIRA, *Maria vai com as outras. Mulheres libertárias libertadoras da Bíblia*, São Leopoldo, Centro de Estudos Bíblicos, 1997.

tro messias, reconhecido a partir da contramão, da inversão dos valores, da superação de preconceitos. Mais uma vez é a experiência de marginalizados e marginalizadas fazendo a história. A releitura da profecia dará a certeza de que, nesta criança, assim nascida, é Deus que está no seio da comunidade; aliás, é esta que dá a Jesus seu nome mais adequado!<sup>13</sup>

Poderíamos nos perguntar ainda o que os textos de Mt 2, a visita dos magos e a fuga/retorno do Egito teriam a apontar sobre o rosto do Deus experimentado na comunidade de Mateus. Permitimo-nos aqui apenas breves indicações. Na cena dos magos há que se notar uma oposição muito significativa: aqueles que detêm o conhecimento e o poder da religião oficial ignoram Jesus, enquanto pessoas de outras culturas e práticas, que inclusive seriam condenadas pela lei judaica, como a consulta aos astros, reconhecem o messias-criança e vêm ao seu encontro. O que terá isso a dizer quando nos perguntamos sobre o rosto de Deus?

Depois de adorarem o menino e de lhe oferecerem presentes, os magos retornam por outro caminho a sua terra. Diz o texto que eles foram avisados *em sonho* para que não voltassem a falar com Herodes. Este é apenas o primeiro sonho, depois que o menino nasceu. Outros serão necessários; sua vida corre perigo. Aliás ela já teve sua vida ameaçada antes mesmo de nascer, e foi necessário que um anjo aparecesse a José em sonhos (1,20). E então uma segunda cena, toda ela marcada pelo risco e pelo perigo. Os sonhos orientarão o caminho, e as Escrituras vão iluminá-lo. Um detalhe, contudo, pode dar uma chave para a leitura deste texto: no v.19, o anjo diz a José que volte para a terra de Israel porque os que pretendiam matar o menino tinham morrido. É a mesma coisa que Javé disse a Moisés conforme Ex 4,19. Mas com uma diferença: enquanto Moisés volta *para* o Egito, Jesus volta *do* Egito para Israel. Para Jesus, Israel é a terra do perigo; ela representa para Jesus o que o Egito representava para Moisés e o povo que fez a experiência do Êxodo: a terra da violência e da morte. A comunidade de Mateus parece dizer: vejam o que aconteceu com a nossa terra: antes prometida, agora lugar do medo, do massacre e da destruição. A comunidade de Mateus está relendo a história do êxodo, mas o caminho agora é invertido. Jesus faz o caminho do povo ao contrário, buscando refúgio no lugar em que antigamente reinou a opressão: a terra prometida deixou de ser aquela *que corre leite e mel...* O Deus do Êxodo deu a este nova direção, inclusive para que ele possa ser refeito (como se depreende da citação de Os 11,1).

O agente principal de tamanha violência é o rei Herodes, representante principal do poder romano que dominava o país. A comunidade de Mateus parece ao mesmo tempo querer di-

13 Veja P. L. VASCONCELLOS, "Uma gravidez suspeita, o messianismo e a hermenêutica. Anotações sobre Mateus 1, 18-25", Em *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*, 27 (1999) 29-47.

zer duas coisas com esta narração. Em primeiro lugar, recorda a figura violenta de Herodes, que durante seu reinado mandou matar muita gente, inclusive pessoas de sua família, que ele considerava uma ameaça para seu poder. O assassinato das crianças de Belém é mostra de como ele não tinha dúvidas em fazer qualquer coisa para garantir seu poder. Não é à toa que ele ficou *alarmado* quando os magos disseram que o rei dos judeus havia nascido (v.3). O nosso relato pinta o rei Herodes com as cores do faraó do êxodo: este mandara matar as crianças dos hebreus com medo de perder seu poder; da mesma maneira age Herodes. Os dois seguem a mesma lógica da dominação pela violência sem limites. Se no relato do primeiro êxodo tínhamos o confronto entre Javé e faraó, o antagonismo agora se dá entre o Deus de Jesus e da comunidade que o segue e Herodes, junto com o poder que representa.

Mas com essa memória de Herodes a comunidade de Mateus pretendia também chamar a atenção para a extrema violência com que o poder romano se impunha sobre as pessoas e os povos. Não se trata, infelizmente, de algo restrito a Herodes e suas manias e descontroles. Muita gente da comunidade terá ouvido falar, e quem sabe tenha presenciado, o massacre que os romanos fizeram sobre Israel e Jerusalém no ano 70. A comunidade de Mateus tem clareza de que a violência que tem sofrido não tem origem distinta daquela que se abateu sobre aquele em quem ela reconhece o messias de Deus. Mostra, então, como esta realidade de violência marca o seu itinerário, desde o nascimento.

### 3. COMO SE FOSSE CONCLUSÃO

Haveria ainda que destacar, particularmente nestes textos de Mt 1-2, como a releitura abundante de textos das Escrituras que contribui na configuração da imagem de Deus veiculada no evangelho da comunidade de Mateus. Mas parece-nos suficiente ficar por aqui, tendo em vista nosso limitado propósito, isto é, o de salientar como o perfil da comunidade, feita em boa parte de pessoas chamadas no evangelho de pequeninos, pessoas vítimas de formas distintas de exclusão e negação da dignidade, e como isto foi de grande influência na apresentação do rosto de Deus pelo evangelho. Como a linguagem, ao mesmo tempo que expressão da compreensão e experiência de Deus feita pela comunidade, veicula valores e desafios a serem vividos no cotidiano, como forma efetiva de testemunho. Pequenos e pequeninas são sujeitos teológicos, não só porque são os destinatários da revelação do Pai (Mt 11,25), mas porque direcionam a compreensão do legado de Jesus e determinam compromissos e práticas, inclusive o perfil da comunidade eclesial...